



SEXTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 2009

O sacrifício

Ela deixou a casa, vazia, e as luzes continuaram acesas. Como sua mente. As dores fizeram-na fugir. Era maldita. Encontrou um lugar qualquer longe da casa. Longe de todos os que não o desejavam. Ela corria enquanto enquanto o prenuncio da chegada dele escorria por suas pernas. Ele queria chegar.

Antes de tudo que envolvia sua suposta chegada, o desprezo a ela, os maldizeres. Ela era impavida, pura acima de tudo. Mas foi corronpida pela luxuria, era o que diziam. Ela não pensava ser luxuria o que o trouxe para seu ventre, pensava ser algo mais doce. Mas era pecado, era o que diziam. Agora ela diz pra si. E diz que é preciso pecar novamente, para voltar a ser pura. O punhal foi erguido.

O sono era casto e foi cortado cruamente pelo grito surdo dele. Ele estava ali, inerte, morbido. O pequeno corpo candido inundada pelo próprio sangue. Nela a febre queimava, só agora sentia-se impura. O remorso condenava-a a permanecer ali, perpetuamente. Tentava dormir, o sono era perturbado, os cabelos claros agora sujos, os labios

GAVETA

▼ 2009 (10)

▼ Setembro (3)

O sacrifício

Maledíctus Mundus

Apodrecer.

► Agosto (7)

ABOUT ME



CELINA P. XIMENES

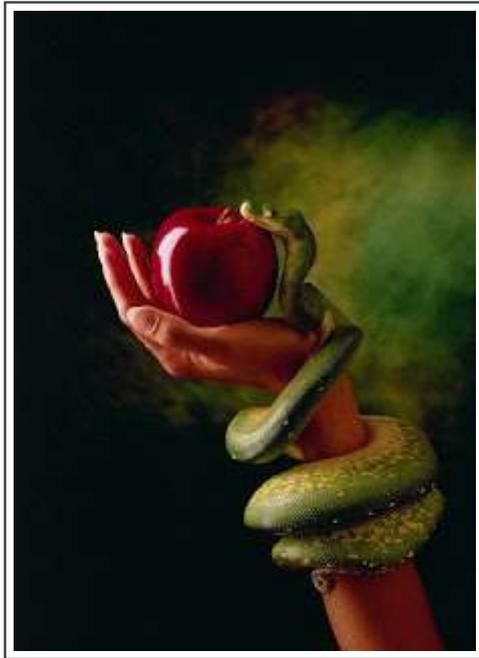
VER MEU PERFIL
COMPLETO

secos e os seios exalando um odor fetidos denunciavam a curta existência dele. O vestido em sangue seco. E ela cantando uma melodia qualquer, uma ciranda doentia. A voz trêmula como o resto do corpo. Os olhos vermelho esbanjando veias, já não dormia mais, so cantava vendo o fantasma do pequeno. Ele não a deixaria dormir. Agora aqueles que diziam, calaram-se em sua mente. Só o choro inocente ocupava o silêncio.

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 16:26 0 COMENTÁRIOS

Maledíctus Mundus

Caminho na escuridão das ruas. Elas exalam um odor fétido originário da matéria orgânica de que é feito o pecado. Todos eles, sedentos, caem em calçadas imundas, afundam-se em seus fracassos. Suas feridas ainda não cicatrizadas exibem o pus tão doentio quanto suas próprias cabeça chacoalhadas. Sórdidas facetas tristes, evoluem linearmente para o óbito. Eu continuo a caminhar. Embriago-me da noite como se tudo fosse o mais ordinário vinho vomitado pela boca moribundo de quem sabe mais que os homens. Anseio a epifania divina. Será Deus ou o Diabo? Já não faz diferença. Ambos cabem na mesma entidade antagónica e suprema que transfigura a Terra em purgatório. Somos todos anjos caídos com asas arrancadas e corações machucados. Que todas nossas desgraças sejam perdoadas, somos almas desgraçadas de berço. Vitimas da sabedoria suja da serpente, matem-na! Deixem prometeu em seu eterno martírio, enquanto nós crianças brincamos com fogo. Espalharemos a chama profana de nossos olhos por toda vida mundana de que se é capaz de recordar e lindas fontes surgirão, jorrando um liquido escarlata e sagrado para todos os lados, iniciando o Apocalipse já proclamado. Então paro num beco sujo e observo o mundo a queimar, enquanto me masturbo num gozo imundo e humano.

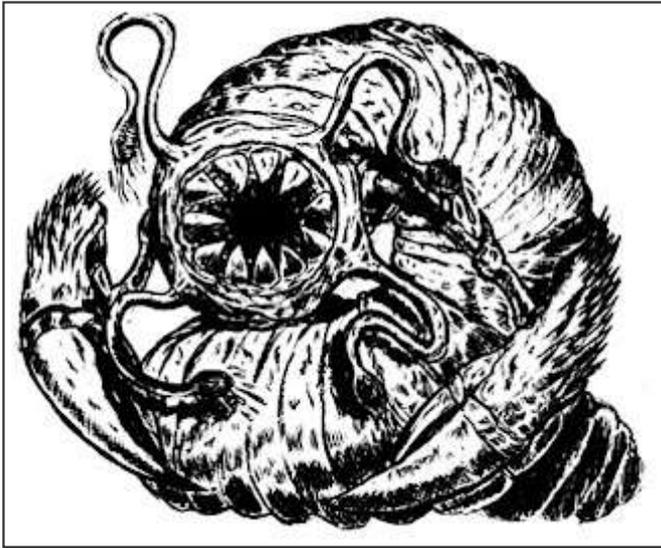


ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 16:14 0 COMENTÁRIOS

QUINTA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 2009

Apodrecer.

Lei da atração, fé, oportunidade. são só mais umas farsas, desculpas pra sentar nesta tua cadeira confortável enquanto o mofo impregna teu corpo, que cria raízes já mortas e mesmo assim profundas. Afogando-se no próprio tecido adiposo que prolifera-se por toda tua pele inflada da matéria de que encheram teus ouvidos surdos. A tua boca já não fala só engole, absorve e aceita sem qualquer questionamento. A preguiça infectando o esqueleto já inerte ao chão tão morto quanto o próprio corpo oco. E lá está a gaveta cheia de tudo que era feito de sonho e nunca de matéria, com um pingo de alma q pena miseravelmente por qualquer fresta de luz lhe que possa fazer enxergar já que os vermes corroeram teus olhos sem tu mesmo notar.



ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 15:00 0 COMENTÁRIOS

MARCADORES: DESVANEIOS

SÁBADO, 22 DE AGOSTO DE 2009

Pontos e Vírgulas

Era noite e caminhávamos . Eram só um, dois no máximo. Mas não foram. Três, quatro, cinco quarteirões passados a procura de um ato definitivo para um ponto final. "Falta algo", sentíamos. Sabíamos exatamente o que, só não foi dito. A vírgula permanecia ali. Paramos sob uma árvore. Pétalas ao chão, casas com muros baixos, pessoas na varanda. As palavras dizendo adeus. Foram e voltaram sem efeito. Os lábios queriam fazê-lo. Houve o encontro, o toque íntimo. Tão macio quanto a melancolia daquela noite. Feito. Mas ainda faltava algo. A falta inerente a quem um dia foi mais que apenas um. Demos as costas e seguimos caminhos opostos como sempre soubemos que faríamos.

"Oily marks appear on walls
Where pleasue moments hung before
The takeover, the sweeping insensitivity of this
Still alive

Hide and Seek
Trains and sewing machines? Oh, you won't catch me around here
Blood and tears they were here first "

(Imogen Heap gemendo em minha cabeça chacoalhada).

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 16:10 0 COMENTÁRIOS

MARCADORES: DESPEDIDAS, ESPAÇOS

QUINTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 2009

Saudade (mal) dita

"Quando um certo alguém se torna ausente na sua vida, a paixão acaba e o que resta é apenas fixação. Aquela doídice psicótica que faz tudo lembrar a ausência. Esse abandono fixa a imagem de um ser idealizado que só existe no sonho das lembranças fragmentadas que são completadas a partir de fictícios momentos perfeitos. Então é criado um ser utópico, tão utópico quanto a própria perfeição."

Conclusões de Julho de 2008

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 11:23 0 COMENTÁRIOS

MARCADORES: SAUDADE



Cheguei ao fim da estrada. Segui todos os caminhos errados e só me levaram a um destino. Agora só resta uma imensa ausência de matéria pisante, esse vácuo absoluto e fatídico. Sinto um calafrio espalhar-se por cada pêlo em pele minha, causando-me disritmia. Essa sensação me faz querer a intensidade que é sentir. Estou diante de um

abismo voluptuosamente sedutor.

Por que não dar mais um passo? Por que não morrer mais um pouco? Á minhas costas só há um buraco negro de lembranças podres. Á minha frente, a doce saída. E por que ainda é tão difícil dar mais um passo? Eles encurralaram-me nesse precipício. Eles me sufocam. Eles têm me sugado aos poucos. Eles!

-Corre. Grita. Caia. Fira. Morda. Grita, maldita! Corte-se. Peque. Vai embora, cretina. Estás só. Anda. Sempre só. Não vê que não a lugar pra ti?! Cala-te!

Amor. Intensidade. Sentimento. Sentido. Liberdade. Vôo. Paz. Paraíso. Nirvana. Suicídio.

...

Sinto-me voar no mais puro êxtase. O oxigênio confrontando minha face, ferindo-me tenuemente, enquanto o vento sussurra em meus ouvidos: liberdade.

Estou em plena queda livre. Um orgasmo de intensidade invade todo o meu ser. Grito, gozando cada partícula de vida em mim. Até que enfim vida! Vida, no mais obscuro prazer em esperar a morte. À medida que me aproximo da terra sinto a essência de viver intensamente e desejo com mais força a minha colisão. Quero, desesperadamente, sentir meus ossos quebrarem e meu sangue inundar o asfalto sujo.

Meu momento de glória se aproxima e não consigo me lembrar se caí ou se saltei.
Mas no final não importa, meu destino é o chão.

"

...

Não há desespero em voo
Se ela quer voar
É porque tem asas
Quando a gente voa
Distante e só
Tão distante e só
O sol não vem e a luz que cai
Nunca mais voltou"
(Ela Disse Assim)
Lirinha

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 11:22 0 COMENTÁRIOS

MARCADORES: CASSANDRA, DESVANEIOS, LOUCURA

Trancada dentro dessas paredes concretas e gélidas. Esforço-me para sair mas não é o bastante. A porta continua trancada não importa o quanto eu bata.

Corro, choro, grito. Estou petrificada como estes muros frios que me fazem congelar a alma. Estou cansada das batalhas ganhas que só resultam em derrotas. Cansada de lutar pra sair desta cela tão clara e, ao mesmo tempo, tão negra
Conto cada segundo. O barulho dos ponteiros do relógio fazem doer



minha cabeça mais e mais.
 "Tic-tac". Esse som
 frenético e constante
 atormenta minha mente
 perturbada por todas esses
 devaneios e dores
 incuráveis
 Lágrimas vêm e vão meus
 pensamentos cada vez mais
 dispersos, desconexos.
 Estou perdida nas minhas
 lembranças. Faço e refaço
 cada cena. Nada adianta,
 ainda estou aqui.
 De repente não vejo mais
 nada, meu corpo está
 dormente, meus olhos se

fecham mas meu coração ainda bate forte.

Acordo, levanto desse chão sujo, caio. As lâmpadas não me deixam enxergar. Meus olhos ardem e essa febre que me leva a delírios não passa.

Ainda estou trancada, minhas feridas abertas e infeccionadas me envenenam aos poucos. É só o que quero, mais uma dose de veneno puro e fatal.

O espaço parece cada vez menor, não há mais oxigênio, não consigo respirar. Esses muros me apertam, comprimem meus pulmões, roubam-me todo o ar.

A porta se abre, vultos e mais luzes invadem a sala.

- Soltem-me, deixem-me, tirem-me daqui! - grito.

Agulhas frias perfuram minha pele, apago novamente.

(Em 13 de setembro de 2008)

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 11:16 0 COMENTÁRIOS

MARCADORES: CASSANDRA, LOUCURA

Sobre a loucura

Os olhos daqueles "outros" observam as coisas de uma forma peculiar, onde a graça do palhaço se perde comparada à comicidade das vidas rotineiras. Seres singulares considerados loucos, por sua estranha, mas não errada, forma de viver. Têm consciência da vida, o que os torna lúcidos. Essa perceptibilidade do mundo se confunde com a loucura dos seres sociais. que exercem democraticamente o direito de se considerarem sãos.

(Em 18/09/2008)

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 11:06 0 COMENTÁRIOS

MARCADORES: ENSAIOS, LOUCURA

TERÇA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 2009

"Acordei, ouvi em minha cabeça o nome que antes queimava minha garganta e nesse dia queimou. Ainda estava lá, intacto, todo o movimento, as verdades e outros atos. Mesmo mutáveis estavam lá. E o sentimento desceu á minha espinha e explodiu num sorriso doce e nostálgico de quem acorda de um sonho bom. Como fénix, ressurgiu das cinzas. Exatamente ele, onde sempre vi fogo, ainda queima e agora arde em minha pele."

Acaso Caótico já existiu em outro corpo. E achei que estivesse morto. "Morto e amordaçado" foi assim que o encerrei. Mas foi preciso, ficou morto em por muito tempo em mim. Coisas tinham mudado, perdi o sentido, a direção e o combustível pra continuar. Tudo voltou numa manhã simples e completa, quando por acaso estava em casa, quando não devia estar. E foi sempre assim, confusões explodindo em desvaneios junto ao caos da minha mente. Tudo misturado à sorte das palavras, ao acaso de seus encontros.

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 17:12 0 COMENTÁRIOS

"Todo dia de manhã é nostalgia das besteiras que fizemos ontem"

ESCRITO POR CELINA P. XIMENES ÀS 08:23 0 COMENTÁRIOS

[Postagens mais recentes](#)

[Página inicial](#)

Assinar: [Postagens \(Atom\)](#)